

14-TX-1975



CMP 2.5.6.139

# Um documento histórico do vale do Paraíba

NOGUEIRA MOUTINHO

Não hesito em afirmar que a coletânea de desenhos de Tom Maia feitos no vale do Paraíba, com texto de Sérgio Buarque de Hollanda (1) certamente constitui inultrapassável documentário iconográfico-histórico no tocante a uma das fases mais importantes da vida paulista: o período de opulência e de fastígio trazido pelo Café ao chamado "norte" do Estado. Efetivamente, a circunstância de se encontrarem reunidos no empreendimento um desenhista com a técnica e a sensibilidade de Tom Maia e o grande historiador de "Raizes do Brasil" apresenta-se como única e possivelmente irrepetível. Sérgio Buarque de Hollanda traça ao longo de trinta maciças páginas um quadro histórico em que se encontram alinhados dados e sínteses interpretativas que abarcam do século XVII ao século XIX todo o complexo da "civilização" agrária, cafeeira, florescida às margens do dito "rio ruim", assim plausivelmente denominado pelo tupi: o Paraíba.

Em 1601, na bandeira de André de Leão, que demandava o Sabarabuçu, um flamengo, Guilherme Glimmer, elabora a mais antiga descrição conhecida daquelas terras, recolhida, ao depois, na "História Natural do Brasil", de Marcgrave, cuja edição príncipe é de 1648. Aí, nessas nascentes historiográficas mestre Buarque de Hollanda inicia a sua digressão, que vai estender-se sobre a importância econômica e sobre as particularidades histórico-sociológicas da lavoura cafeeira no Vale até seu definitivo e lamentável declínio no último quartel do século XIX, momento em que o plantio dos cafeeiros, emigrando, vai enriquecer o Oeste paulista.

Tal deslocamento econômico chega a provocar até mesmo pruridos separatistas, cujo porta-voz político será em 1887 o senador Joaquim Floriano de Godói, que postula uma secessão: a formação da "provincia do Rio Sapucaí", agrupando o "norte" de São Paulo e larga fatia do Sul de Minas...

Com a extraordinária lucidez que confere ao estilo do historiador uma capacidade compacta, iluminada neste ou naquele parágrafo pela peculiaridade personalíssima de certas reflexões, Sérgio Buarque de Hollanda resume em sua Introdução os lances da formação, do apogeu, do declínio e da queda da lavoura cafeeira, cujo esplendor, patenteado já na década de 1820-1830, vai lançar seus últimos fogos na década de 1870-80, quando a febre das construções ferroviárias começa a apontar ao lavrador paulista outras e mais tentadoras direções.

Mas o que interessa é que esse período de opulência e fastígio no Vale do Paraíba ocasionou a multiplicação de fazendas e a conseqüente florescência de um tipo particular de arquitetura senhoria, as sedes, de que se tem o exemplo mais antigo, segundo Tom Maia, na Fazenda Pau d'Alho em São José do Barreiro, de João Ferreira de Souza, onde, no curso da jornada de 1822, o príncipe d. Pedro jantou numa noite de agosto, a caminho de São Paulo e da Independência. É esse casarão que está hoje sendo restaurado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para nele instalar-se o Museu Nacional do Café.

Tom Maia incluiu no volume cento-e-vente bicos-de-pena, que reproduzem mais de uma centena de fazendas espalhadas por Cunha, Lagoinha, São Luís do Paraitinga, Nacionalidade da Serra, Redenção da Serra, Paraíba, Jambuí, Santa Branca, Guararema, Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Monteiro Lobato, Tremembé, Pindamonhangaba, Roseira Velha, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal. A opulência de uma era de riqueza agrícola excepcional como foi a do apogeu cafeeiro no médio Paraíba pode muito bem avaliar-se pelo que dela restou em termo de documentário arquitetônico. Os desenhos de Tom Maia, de que já se conhecia uma extraordinária mostra no album sobre Paraty, cujo texto é de sua mulher Thereza Regina de Camargo Maia (2), são exatamente o que se espera de um artista cuja preocupação maior é documentar: o traço aspira invariavelmente ao rigor do anatomista, mas sabe amaciar esse despojamento com leve carga de lirismo e de ternura pelo objeto. O lamentável é que

sua obra se realiza muito tarde, salvando pelo traço apenas uma ínfima parte do que existia e que desapareceu para sempre. Tome-se, por exemplo, o acervo relativo a Pindamonhangaba, do qual constam apenas três exemplares: a Fazenda do Borba, a Fazenda

de São José do Tanque no Bairro das Campinas e a Fazenda Amarela. Ora, em 1854, segundo o quadro estatístico fornecido pelo Brigadeiro Machado de Oliveira ao governo provincial lê-se que a cidade contava 113 fazendas...

Na "História do Café no Brasil", Taunay arrola algumas, segundo informações prestadas por velhos pindamonhangabenses: "Mombança" do barão de Pindamonhangaba; "Trabiju", de monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral; "Ribeirão Grande", da baronesa do Paraíba; "Borba", do barão de Lessa; "Pirapitingui", do visconde de Pindamonhangaba; "Tetequera", do barão de Itapeva; "Fortaleza", de José Octaviano Marcondes Machado; "Goiabál" e "Santa Maria", do visconde da Palmeira; "Córrego Branco", do barão de Romeiro; "Tanque", de Francisco Marcondes Monteiro; "Curuputuba", de José Moreira Cesar; "Piracuama", de Francisco Ignácio de Moura Marcondes; "Bom Sucesso", de Manoel Tomaz Marcondes de Sousa; "Jataí" do dr. Monteiro Cesar; "Bomfim", do barão de Taubaté; "Nhambui", de João Monteiro Brázio; "Belém", de Manoel Monteiro Cesar Miné; "Saca Trapo", de Manoel Bicudo de Siqueira Salgado, etc...

É comparando as memórias do passado aos remanescentes magnificamente captados pelo desenhista que se pode apreciar com realismo o que foi o vandalismo, a destruição, o avanço avassalador da decadência: "Aqui outrora retumbaram hinos...". Mas, como informa Sérgio Buarque de Hollanda, nem tudo se encontra irremediavelmente perdido, como é o caso da famosa fazenda do "Resgate" em Bananal: "Em 1860 esteve Emilio Zaluar em "Três Barras", depois de deixar a fazenda do então barão da Bela Vista, mais tarde visconde de Aguiar Toledo, e antes de visitar em Bananal e do comendador Manuel de Aguiar Valim (que também seria titular do Império, quando, em 1884, foi feito barão de Aguiar Valim) e admirou vivamente nas paredes da sala e da capela as pinturas do artista espanhol José Maria Villaronga, não Vilaronga como está em seu livro. Todo o edifício que, no estado atual, se acha representado no presente documentário, com o nome de fazenda Resgate, está sendo restaurado, e uma vez terminadas as obras deverão estar recuperadas as pinturas que tanto entusiasmaram o visitante português."

A obra preservadora de Tom Maia, resguardando pela fixação no papel a imagem bojuda, acaçapada, por vezes ruínosa, não raro dotada de certa elegância dos velhos casarões, das patriarcais casas-grandes em que se instalaram as sedes das propriedades cafeeiras no Vale do Paraíba, insere-se numa espécie de larga tomada de consciência em favor de um passado que merece ser cultuado. É o que muito melhor do que eu poderia fazer, Sérgio Buarque de Hollanda magnificamente significa no fecho de sua Introdução:

"Ao longo de todo o curso do médio Paraíba, já desapareceram vários e, por vezes, admiráveis testemunhos do fastígio que o café lhe trouxe e o café lhe tirou quando se viu chamado a opulentar outras terras. Das antigas vivendas senhoriais que marcaram essa era, algumas, todavia, permanecem erectas, outras estão sendo cuidadosamente restauradas.

Num momento em que por tantos títulos, e não só pela posição privilegiada que ocupa, entre as duas grandes metrópoles do Brasil, o "norte" paulista caminha tranquilo para a conquista do futuro, as imagens desse passado morto, que oferece este documentário, podem ter um significado que já não é apenas o das melancólicas e impossíveis ressurreições."

(1) — Tom Maia — Sérgio Buarque de Hollanda, "Vale do Paraíba — Velhas Fazendas". Companhia Editora NACIONAL/Universidade de São Paulo, 1975. (2) — Tom Maia — Thereza Regina de Camargo Maia, "Paraty". Companhia Editora NACIONAL/Universidade de São Paulo, 1975.

PAULO

Numa dois jovens ram à o meia ida professo materná Capital. ticularer modesta geminac cima, d um dele critório. jantar e e copa-c te, garaf to de en

O casa logo ma naram. Tocaran insistên na janc pavimen tou o qu os recor tiram. falar-lho profess tado da quase t sor aca foi abri estava revolve mado, à criad A mul recosta pensou para o tarde. cido. dele. tomou estava ceu a: cutar estava visitas da sal cebida mão, marid Quanc aluno sobre se. Po consol para gada xicara postas

De dispos forma savan Indag realiz mater profe mativ gunta nada clarec rapaz dado sumiu profes nota vite.

o pal visse Naqu dos i frente tava o gatinl para. lhe a que a peu. l tou-a perm fora outro

MIL

H exigê tratos garar que v nhum dived Mas a fiaa motiv

A falên pede fiador a fiar cime tratos falên exone ment que f bilita receb afian

C belec vintu lino. de or 1.492, trato vem de fa fiado so fa aquil

do e  
o uso scali-água, ple-vivos elam ação, nicas o que nado e co-água  
Bar- nos São ontri- inten- més- das o rio Cru- (pora) entes, í, em le es- trans- lings. tanas dor e lo de a sig- ue a més- te, é erada. Na ecial- uçar, lose, bem as e pela o im- ão de e em com cuns- cada guas, ques- o es- undo, ual o opu- agar ente, uele role. heco i fins das guin- a no; b. trial; agrí- os; e. tores dade. le po- o dr. e se o em ciais, le es- as hi-  
le ár- versos tórios BGE, ento. , re- balho Aziz s po- ticas  
ne, de agra- teres- infor- nacer zos de 00.000 ano, como s, en- starre- Helena ímpia, es por os ao lquer